

O ESTADO MELANCÓLICO DAS PERSONAGENS DO LIVRO DE CONTOS “LAÇOS DE FAMÍLIA”.

CARVALHO, Danielle Nascimento de

daninhacarvalho@ibest.com.br

NUNES, Antonia Maria. (orientadora)

Graduada em Letras, Mestre em Comunicação e Semiótica, Prof^a do curso de Letras- português da Universidade Tiradentes- UNIT.

nianunes@yahoo.com.br

RESUMO

Esse artigo visa abordar o estado melancólico das personagens do livro de contos “Laços de Família” de Clarice Lispector. Alguns pontos norteadores dessa abordagem são vistos através dos contos “Devaneio e Embriagues Duma Rapariga”, “Amor” e “Feliz Aniversário”.

Após alguns estudos sobre a melancolia nesses contos, pôde-se perceber que há nessas personagens, características e sintomas do estado melancólico definidos por Freud, em seu artigo Luto e Melancolia.

Vale salientar, a importância do período do surgimento da geração a qual pertence Clarice Lispector, pós-modernismo, e as influências e contribuições que esse período de instabilidade causou na forma de escrita e na característica intimista da autora.

Em 1895, Freud elaborou uma tentativa de explicar o estado de melancolia, definindo-o em termos neurológicos como estado de depressão. A partir disso, o pai da psicanálise escreve um artigo que visa fazer a comparação entre a melancolia e os estados normais de luto, artigo esse intitulado Luto e Melancolia. Com base nas definições de Freud, e no estado de melancolia das personagens do livro de contos “Laços de Família”, de Clarice Lispector, serão vistos alguns pontos e características relativos à obra escolhida.

No ano de 1945, considerado o ano zero do mundo que sobreviveu a Hitler, as nações passavam por várias transformações devido ao fim da Segunda Guerra Mundial, classificada como a maior guerra já realizada na história da humanidade, que provocou a morte de milhões de pessoas, entre elas seis milhões de judeus. No Brasil esse período foi marcado pelo fim da ditadura do presidente Getúlio Vargas, o que deu início ao processo de redemocratização do país, eleições gerais foram convocadas e os partidos políticos legalizados, logo após iniciou-se perseguições e ilegalidades políticas.

Em meio a esses acontecimentos que mexeram com o Brasil e o mundo, é que surge a primeira manifestação literária pós-guerra, denominada Geração de 45. Essa geração teve como ponto de encontro uma revista intitulada Orfeu, fundada em 1947 por Fernando Ferreira, na cidade do Rio de Janeiro. Sérgio Milliet publicou no mesmo ano um artigo anunciando uma moderna corrente, denominada Neomodernismo, na qual está inserida aquela geração e que denunciava uma nova geração de escritores, e tinham como objetivo voltar ao equilíbrio das construções que resistem ao tempo.

O ponto marcante é que essa nova geração saída da guerra sente-se compromissada com a sociedade, assumindo assim uma atitude muito mais de crítica que de inovação. É nessa época que surgem os grandes ensaios sobre o desenvolvimento político e econômico do Brasil, dando margem para uma redescoberta atingindo o popular no que se refere à literatura, porém sempre com intenção de denúncia.

A partir dessas construções é que surge a literatura intimista de Clarice Lispector, fruto da geração de 45, época em que a crônica e o conto passam a ser valorizados pela crítica, e os grandes nomes da geração começam a cultivá-los, seguindo o caminho já trilhado por outros escritores da década de 30. O Neomodernismo apresentou um ciclo de renovação, tanto na prosa quanto na poesia. A prosa, única forma de escrita de Lispector é apresentada por um estilo introspectivo que investiga o psicológico e trata os conflitos existenciais das personagens.

Clarice Lispector tem como centro de suas obras o questionamento do ser, a crise da existência humana, a busca do eu interior de seus personagens compostos em sua maioria por figuras femininas que narram ou são narradas em terceira pessoa, com exceção dos romances *A Maçã no escuro* e *A Hora da Estrela*, em que os personagens são homens e *A Paixão Segundo G. H.*, narrado em terceira pessoa. Ao contar as peripécias de seus personagens a autora revela e descreve as emoções e os desejos mais íntimos de cada um, mostrando os mais reais sentimentos como a dor, insatisfação e fantasia, tudo isso exposto numa

miríade de acontecimentos que resultam em sensações fantásticas no leitor, como revolta, angústia e felicidade.

As personagens criadas por Lispector possuem características peculiares, que buscam entender a razão da própria existência, para isso elas fazem uma busca interior. Essas personagens são vistas como

“personagens estranhas, enfocadas sempre a partir de uma procura de verdade interior, ou seja, de uma identidade de mulher e de ser na sua complexidade – como ser humano, vestido com as capas da civilização e delas despidos, como ser animal, livre e selvagem”. GOTLIB (1995, p.167),

São personagens construídas com base na força da mulher, que luta pela vida, a procura de respostas para seus dilemas no próprio íntimo, mergulhando em mundo quase que desconhecido o da identidade feminina.

Algumas das características dos textos pós-modernistas é a exploração do inconsciente, deixando revelar-se nos sonhos ou em manifestações psíquicas, o que dessa forma valoriza a realidade psíquica. Outra característica importante é a liberdade que o autor tem para criar, podendo incluir todos os assuntos, aumentando o interesse pelos aspectos mentais pela busca do eu e pela apresentação da própria consciência em ação, o chamado fluxo de consciência, que também apresenta importante destaque nas obras de Lispector.

A obra escolhida para a análise em questão é o livro de contos “Laços de Família”, que é composto por treze narrativas que tematizam do amor ao ódio, da tristeza ao momento de euforia. Ao intitular seu livro de “Laços de Família”, Clarice Lispector dá idéia de laços afetivos, de união, ou seja, de elos, o termo

família foi dado porque a ação se dá em razão do grupo social família, ou seja, os contos desse volume têm a instituição familiar como centro da narrativa. A mulher, figura constante das obras da autora, é representada nos contos do livro em questão, como dona-de-casa tradicional, aquela que é a base e o modelo que sustenta a família.

O livro “Laços de Família” foi lançado em 1960, porém muitos dos contos que o compõem já haviam sido publicados, uns no volume “Alguns contos” e os demais na revista “Senhor”. Na ocasião do lançamento desse livro, Clarice Lispector escreveu uma crônica explicando como, quando e porque escreveu tais textos ali publicados, essa crônica recebeu o título de “A explicação inútil”.

Segundo CASARES (Apud GOTLIB, 2001, p.11), Júlio Cortazar considera o conto em três acepções; o primeiro seria relato de um acontecimento; o segundo narração oral ou escrita de um acontecimento falso; e por último, fábula que se conta às crianças para diverti-las, sendo característica do conto a economia de estilo, e a temática da situação resumida. Sobre o conto ser relato de um acontecimento a autora afirma que esse tipo de narrativa não se refere apenas ao acontecido, não assume compromisso com o real, pois o real e o fictício não apresentam limites precisos.

A terceira acepção feita por Casares deve ser considerada nos contos de Clarice Lispector, devido ao fato de fazer uso dos elementos que compõem a fábula, apesar de possuir uma linguagem hermética, ou seja, de difícil compressão. GOTLIB (2001, p. 12) em citação sobre Raúl Castagnino coloca que segundo o autor, não importa averiguar se há verdade ou falsidade, pois a ficção já existe, a

arte de inventar um modo de representar algo. Lispector tenta renovar o ato de escrever ficção através de sua experiência estética, que se diferencia das tendências anteriores, visto que estas situam o processo literário antes da transposição da realidade social, como exemplo os autores da década de 30, do que na construção de outra realidade.

Toda e qualquer narrativa apresenta sucessão de acontecimentos, ou seja, início, meio e fim; os acontecimentos tomam significação, se organizam em tempo estruturado. Nas obras de Clarice Lispector essa estrutura muitas vezes apresenta-se de forma desordenada, é a denominada digressão narrativa, a principal característica desse recurso é que não há uma seqüência linear dos fatos, o tempo apresenta-se de forma psicológica, o que exige do leitor atenção, para que possa acompanhar a narrativa sem dela se perder. Outro recurso utilizado constantemente por Lispector é a epifania, definida como momento de revelação, ou seja, momento em que a personagem dar-se conta de algum fato que poderá mudar ou não seu destino.

Além dos recursos citados acima e que a autora faz uso, há também o fluxo da consciência, característica constante não só nos contos, mas, praticamente em todas as obras de Lispector e definido por Alfredo Leme, em Foco Narrativo e Fluxo de Consciência, como a apresentação idealmente exata, não analisada, do que se passa na consciência de um ou mais personagens.

Considerando esse tipo de narrativa pós-moderna, suas características específicas, e as influências que esse período sofreu, destacaremos pontos importantes do estado melancólico das personagens dos seguintes contos do livro

“Laços de Família” da autoria de Clarice Lispector: “Devaneio e Embriagues Duma Rapariga”, “Amor” e “Feliz Aniversário”.

Em “Devaneio e Embriagues Duma Rapariga”, a personagem não é denominada pela autora, ela é descrita apenas como uma mulher portuguesa residindo no Brasil e vive em um estado de rotina que se transforma em melancolia. Para escapar da rotina essa mulher fantasia o que poderia fazer, os passeios que poderia dar e as pessoas que conheceria, chegando até a supor um estado de embriagues, o que a leva a sentir-se apta para as artes, tentando dessa forma preencher os vazios do seu íntimo. O estado melancólico é perceptível no ato da personagem manter um monólogo silencioso, ou seja, com a própria consciência, mergulhando nas profundezas em que bem e mal se igualam.

A principal característica de melancolia observada na personagem do conto citado é um dos pontos que Freud denomina como perda do amor próprio, a insatisfação com o ego, o que seria a causa principal para o estado melancólico em que se encontra essa mulher. A rapariga chega até a tentar manter um diálogo com um interlocutor imaginário, notável na seguinte passagem do texto: “Bons dias, sabes quem veio a me procurar cá a casa?”, pensou como assunto possível e interessante de palestra. “Pois não sei, quem?”, perguntaram-lhe com um sorriso galanteador, uns olhos tristes numa dessas caras pálidas que a uma pessoa fazem tanto mal. “A Maria Quitéria, homem!”, responde garrida de mão a ilharga.”.

Ao isolar-se, a personagem provoca o afastamento de toda e qualquer atividade que não tenha ligação com ela, causando com isso uma tensão conflitiva, marca constante do paciente em estado de melancolia. Dessa forma, a personagem

declara uma crise que raramente se resolve através de um ato qualquer, matendo-a do início ao fim do conto, seja ele explorado pelas aspirações ou nos devaneios que levam essa personagem a uma atitude narcisista.

Essa atitude também se caracteriza como um ponto do estado melancólico, esse sentimento de narcisismo pode ser observado na seguinte passagem do conto: (...) Não quis jantar nem sair de seus cuidados, dormiu de novo: o homem lá que se regalasse com as sobras do almoço (...). Percebe-se que ela pouco se importa com os cuidados para com o marido, mantendo-se assim em seu mundo, seu auto-isolamento, onde apenas suas necessidades interessam.

Observa-se, portanto nesse conto os mais variados sintomas e características da melancolia definidos por Freud e explorado inconscientemente por Clarice Lispector, o que dá a sua narrativa uma forma única e peculiar de escrita, seja ela compreensível ou não, o que importa é a magia que envolve o leitor.

No conto “Amor”, Ana é a personagem principal, uma mulher que vive para o lar, sua preocupação é manter-se ocupada com os afazeres domésticos, até que um dia ao sair de casa para fazer as compras do jantar que será oferecido aos parentes; ela tem sua vida bem regrada abalada pela imagem de um cego a mascar chiclet. A passagem seguinte narra o encontro da personagem com o cego: “o bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego”.

Esse cego representa na narrativa,

o papel de mediador de uma incompatibilidade não nomeada, recalcada, com o mundo, que a protagonista carrega. Ele, assim como as árvores do Jardim Botânico onde Ana foi parar porque em seu êxtase perdeu o ponto de descida que a levaria para casa, exteriorizam o perigo e o gosto de viver.(WALDMAN, 1993, p.115).

Nessa conto a personagem principal apresenta um dos pontos mais fundamentais das personagens compostas pela autora, a ruptura com o mundo, o que dá a Ana um aspecto definido por Freud como sintoma da melancolia, desânimo profundamente penoso, cessação de interesse pelo mundo externo. É a partir disso que a personagem começa a reconstruir sua vida, o que a deixa inquieta, para repensar suas atitudes, ela vai ao Jardim Botânico e lá passa por uma experiência de contato real com a natureza, o que a leva a procura da busca pela identidade, revelando assim o estado melancólico em que se encontra.

A pessoa portadora dos sintomas da melancolia torna-se um viajante, seja no seu íntimo ou em espaços estabelecidos pela mente, rompendo dessa forma com o mundo real. Com isso apresenta pontos extremos do sentimento de melancolia, liberdade para ir a lugares nunca imaginados e fictícios ou aprisionamento no próprio ego.

Ana tenta a todo custo evitar a crise eminente que a atormenta todos os dias no início da tarde, porém ao deparar-se com o deficiente visual já mencionado, aflorou na personagem uma característica que Freud definiu como perda da libido, ou mesmo a perda de um objeto amado, no caso de Ana não houve essa perda

objetal, mas sim a já citada ruptura de seu mundo bem organizado devido a uma figura antes desconhecida, causando então uma forma de melancolia.

Há portanto no conto “Amor”, uma das características que se apresenta constante nas obras de Clarice Lispector, os conflitos em que vivem as personagens,mas que não foram solucionados, apenas apaziguados. Sendo assim a autora dá margem para que o leitor crie e imagine possíveis soluções para resolver esses conflitos que tanto angustiam suas personagens.

Em “Feliz Aniversário”, a principal personagem é uma avó chamada Anita, que está completando oitenta e nove anos, é na festa de aniversário que reúne a família com parentes de diferentes classes sociais e da mesma forma afastados do convívio familiar, ou seja, não nutrem laços familiares entre si, o que nos faz pensar na identidade social da família. O estado de melancolia dessa personagem é demonstrado no sentimento de cólera e ódio que ela sente pelos membros do próprio círculo familiar, o que a leva a tomar atitudes condizentes ao estado de espírito em que se encontra, como em primeira atitude esbravejamento e depois silencia em seu próprio mundo de solidão.

Com relação ao estado melancólico da personagem do conto “Feliz Aniversário”, aplica-se o que o pai da psicanálise coloca sobre o fato de que o paciente portador da melancolia está longe de demonstrar diante daqueles que o rodeiam uma atitude de humildade e submissão, ao contrário tornam-se pessoas maçantes, dando a impressão de que se sentem desconsideradas e de que foram tratadas de forma injusta.

Ao sentar na cabeceira da mesa, Anita tem uma visão ampla do espaço e dessa forma pode observar o resultado da criação de seus filhos, em meio a tanto barulho e confusão ela chega à conclusão de que havia fracassado no seu papel de mãe. O que consiste aqui no ponto da melancolia, é o que segundo Freud em seu artigo, diz a respeito da perda do amor próprio e por isso deve ter tido boas razões para tanto.

Anita apresenta ainda outras características importantes do paciente melancólico, como perda da capacidade de amar. A senhora ao se dar conta do fracasso que se deu a criação de seus filhos, sente por eles um desejo de afastamento e repulsa, causando assim uma diminuição dos sentimentos de auto-estima, que segundo o pai da psicanálise chega ao ponto de sentir uma auto-recriminação e auto-envilecimento o que culmina numa expectativa de punição.

Portanto, essa personagem ao deparar-se com a desunião familiar, resultado de seu fracasso, enquanto mãe, torna-se impotente e incapaz de realizar qualquer mudança, sentindo-se com isso, moralmente desprezível, degradando-se diante de seus familiares e esperando por isso ser punida ou expulsa do convívio da família. Diante desse processo, Anita passa para um estado miserável de melancolia.

Através das características e ações das personagens dos três contos citados acima é notável que há entre elas um denominador comum que as definem e iguala, pois,

a violência represada dos sentimentos primários que, explodem é um traço comum nas personagens de Clarice Lispector. Neutralizada pela vida diária, a violência é avivada pelo silêncio em que vivem as personagens. E essa violência é sempre a manifestação de um interesse apaixonado pela existência. WALDMAN(1993, p. 118).

Na busca da auto revelação as personagens de Clarice Lispector, seja ela Ana, Anita, entre outras sentem e compartilham a mesma necessidade de aprofundamento, para isso a autora faz uso do objeto espelho, presente em todos os contos acima analisados do livro “Laços de Família”, pois ao mirar-se cada personagem busca o eu no outro refletido, na procura da identidade pessoal, elas mergulham no próprio íntimo, fazendo-as se perderem em um mundo desconhecido, o próprio ego. Para NUNES (1995, p. 107), o olhar no espelho já assinala o desdobramento do sujeito, que se vê como um outro objetivo e impessoal.

O espelho será visto como o responsável pela descoberta da consciência pessoal, refletindo dessa forma a realidade interior, o que marca o momento do confronto do corpo com a imagem refletida, dando a sensação de liberdade do confronto de espírito em que se encontrava a personagem.

Visto todos esses pontos da história do Brasil e do mundo, assim como os conceitos do estado de melancolia definidos pelo pai da psicanálise, percebeu-se a grande influência que esses pontos exerceram sobre a escrita de uma das maiores escritoras da geração pós-modernista, Clarice Lispector. Além disso, é perceptível a grande semelhança de caráter e sentimentos entre as personagens que compõem as narrativas analisadas, visto que elas vivem e sofrem os mesmos conflitos familiares.

Todos os contos da autora apresentam traços comuns de acontecimentos especiais, que ao mesmo tempo são extraídos do dia a dia e trazem algo excepcional, nem sempre possível de compreensão, devido à sua escrita peculiar.

Pode-se perceber através de estudos que a melancolia é uma característica constante não só nos contos, mas nas demais obras da autora, já que esse estado melancólico se apresenta para Clarice Lispector, como uma forma de fuga da realidade expressada por ela através das personagens que compõem suas narrativas.

Contudo nos perguntamos, até que ponto essa melancolia pode exercer influência nos leitores? Como instruí-lo a entender esse universo desconhecido da autora? O estado melancólico das personagens pode levar o leitor a questionar-se e indagar-se a respeito de sua própria vida, imaginando-se inseridos nos conflitos que cercam a narrativa. Para que o leitor compreenda e defina o universo de Clarice Lispector, antes de tudo é importante conhecer os pontos principais e mais marcantes das obras em geral da autora. Com isso o leitor poderá chegar aos sentimentos extremos que cercam aqueles que se interessam por sua escrita, ou a amam ou a odeiam.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco Narrativo e Fluxo de consciência, Questões de Teoria Literária.** São Paulo: Livraria Pioneira, 1981, p. 63.

FILHO, Domício Proença. **Pós-Modernismo e Literatura.** São Paulo: Ática, 1998, p. 84.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia, Obras Completas.** Rio de Janeiro: Standard, Brasileira, 1980.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice- Uma vida que se conta.** São Paulo: Ática, 1995, p. 493.

_____ **A Teoria do Conto.** São Paulo: Ática, 2001, p. 95.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família.** 8ª edição. Rio de Janeiro: livraria José Olympio, 1977, p. 160.

MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária.** 10ª edição. São Paulo: Cultrix, 1996, p. 270.

_____ **História da Literatura Brasileira, Modernismo.** 3ª edição. São Paulo; Cultrix, 1996, p. 574.

MONTERO, Tereza; Manzo Lícia (org.), **Clarice Lispector, Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 174.

NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem, uma Leitura de Clarice Lispector.** São Paulo: Ática, 1995, p. 175.

PICCHIO, Luciana Stegnano. **História da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 743.

WALDMAN, Berta. **Clarice Lispector, A Paixão Segundo C. L.,** 2ª edição. São Paulo: Escuta, 1993, p. 181.